



STRATEGIES FOR THE FORMATION OF ENTREPRENEURSHIP AND INNOVATION ECOSYSTEMS: CONCEPTUAL FRAMEWORK FROM PORTUGUESE CASES

*Estratégias de formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação:
framework conceitual a partir de casos portugueses*

Daniela Fantoni Alvares¹, Ana Isabel Dias Daniel²,
Celeste Maria Dias de Amorim Varum³, Anabela Botelho⁴

¹Instituto Federal de Minas Gerais, ^{2,3,4}Universidade de Aveiro (Portugal)

E-mail: daniela.f.alvares@gmail.com, anadaniel@ua.pt,
camorim@ua.pt, anabela.botelho@ua.pt

ABSTRACT

In this exploratory study with a qualitative approach, the process and strategies for the formation of entrepreneurship and innovation ecosystems were analyzed in territories of low demographic density, starting from the projects: Vale do Tejo Technology Park, Living Lab Beira da Cova and Habitat of Business Innovation in the Strategic Sectors, respectively, in Abrantes, Fundão and Penela (Portugal). Interviews were carried out with nine social actors linked to the projects and the content analysis technique was used with support from the NVivo software. Based on empirical analysis and literature review, a conceptual framework was developed for the formation of entrepreneurship and innovation ecosystems, where the following strategies were outlined: (i) urban rehabilitation programs, (ii) fostering the culture of hospitality; (iii) increased use of endogenous resources, (iv) quality of life, (v) qualification of human resources and (vi) support for entrepreneurship and innovation. It is noteworthy that the proposed framework can contribute to the guidance of public policies and the development of entrepreneurship and innovation ecosystems in low-density territories. The research makes part of the Integrated Program of the IC&DT Network and Communities CeCENTER for territorial Innovation¹.

Keywords: Entrepreneurship ecosystem, Innovation ecosystem, Public policy, Territories of low population density.

ACEITO EM: 29/07/2020
PUBLICADO: 30/11/2020

¹ This paper was developed under the support of the Research Program “CeCENTER - Community-led Territorial Innovation” (CENTRO-01-0145-FEDER-000002), funded by Programa Operacional Regional do Centro (CENTRO 2020), PT 2020.



ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO DE ECOSISTEMAS DE EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO: FRAMEWORK CONCEITUAL A PARTIR DE CASOS PORTUGUESES

*Strategies for the formation of entrepreneurship and innovation ecosystems:
conceptual framework from Portuguese cases*

Daniela Fantoni Alvares¹, Ana Isabel Dias Daniel²,
Celeste Maria Dias de Amorim Varum³, Anabela Botelho⁴

¹Instituto Federal de Minas Gerais, ^{2,3,4}Universidade de Aveiro (Portugal)

E-mail: daniela.f.alvares@gmail.com, anadaniel@ua.pt,
camorim@ua.pt, anabela.botelho@ua.pt

RESUMO

No presente estudo exploratório de abordagem qualitativa, analisou-se o processo e as estratégias de formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação, em territórios de baixa densidade demográfica, partindo dos projetos: Parque Tecnológico do Vale do Tejo, Living Lab Beira da Cova e Habitat de Inovação Empresarial nos Setores Estratégicos, respectivamente, em Abrantes, Fundão e Penela (Portugal). Realizou-se entrevistas com nove atores sociais vinculados aos projetos e utilizou-se a técnica de análise de conteúdo com suporte do software NVivo. A partir de análise empírica e revisão de literatura, elaborou-se *framework* conceitual para formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação, onde foram delineadas as seguintes estratégias: programas de (i) reabilitação urbana, (ii) fomento à cultura da hospitalidade; (iii) incremento do uso de recursos endógenos, (iv) qualidade de vida, (v) qualificação de recursos humanos e (vi) apoio ao empreendedorismo e à inovação. Destaca-se que o *framework* proposto pode contribuir para orientação de políticas públicas e desenvolvimento de ecossistemas de empreendedorismo e inovação em territórios de baixa densidade. O trabalho foi elaborado no âmbito do Programa Integrado do IC&DT CeNTER Redes e Comunidades para a Inovação Territorial².

Palavras-chave: Ecossistema de empreendedorismo, Ecossistema de inovação, Políticas públicas; Territórios de baixa densidade demográfica.

² Este artigo foi elaborado no âmbito do Programa Integrado de IC&DT CeNTER Redes e Comunidades para a Inovação Territorial (CENTRO-01-0145-FEDER-000002), financiado pelo Programa Operacional Regional do Centro (CENTRO 2020), PT2020.

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem grande capacidade de agregar valor a economias (Jaén, Moriano, Liñán, 2013; Xu & Dobson, 2019), assim como de produzir “... mudanças na estrutura do negócio e da sociedade” (Hisrich & Peter, 2004:33). A par do empreendedorismo, também a inovação é considerada fundamental para o desenvolvimento de territórios (Schumpeter, 1934; Rostow, 1990; Lundvall, 1992) e é vista como uma estratégia para gerar vantagem competitiva (Hall, 1980; Bharadwaj et al., 1993; Porter, 1999, 2000), mas é tratada muitas vezes como uma panaceia (Adner, 2012; Vilella, 2013; Pfothenhauer & Jasanoff, 2017), uma vez que, de forma equivocada, é vista como a solução de todos os problemas.

Deste modo, empreendedorismo e inovação são fenômenos inter-relacionados (Schumpeter, 1934; Drucker, 1993) e fundamentais para o aumento de competitividade de territórios. Destaca-se que a competitividade está relacionada com a habilidade de uma nação/região promover ambiente que possibilite, de forma sustentável, a criação de valor para as empresas e a geração de prosperidade para a população, conceito no qual se insere a estabilidade econômica e a qualidade de vida (Garelli, 2006; Fagerberg et al., 2004), resultante da combinação de uma série de fatores, entre estes: capacidade de inovação, empresas de base local, redes de cooperação e internacionalização (Budd & Hirmis, 2004).

Um dos grandes desafios para a consecução da competitividade de forma holística e integrada, é a promoção da sustentabilidade que se baseia na premissa de suprir as necessidades das sociedades atuais, sem comprometer as gerações futuras (World Commission on Environment and Development, 1987). Considera-se que um dos caminhos, é por meio da combinação do empreendedorismo e da inovação que tem potencialidades para transformar *inputs* de forma rentável (Andersson & Tollison, 1982, Baumol, 1990) e sustentável (Bessant & Tidd, 2009).

Neste âmbito, é relevante que haja esforços coordenados em âmbito público, privado, assim como em relação ao terceiro setor, para o desenvolvimento sustentável de ecossistemas de empreendedorismo e inovação, sendo que os ecossistemas de empreendedorismo são formados por comunidades dinâmicas de atores interdependentes (Audretsch & Belitski, 2017), que otimizam a alocação de recursos no processo de criação de novos empreendimentos (Acs et al., 2014). Já os ecossistemas de inovação são formados por diversos *stakeholders* que, de forma colaborativa (Autio & Thomas, 2014; Adner, 2017), possibilitam a criação de ambiente no qual a inovação possa emergir, “... focusing on the development of new value through innovation” (Autio & Thomas, 2014:3).

Neste contexto, analisar ecossistemas de empreendedorismo e inovação se faz premente para corroborar em investigações sobre processos dinâmicos e complexos inerentes à formação desses ecossistemas, assim como em estudos sobre o seu impacto na competitividade territorial. Além disso, é essencial refletir sobre esses ecossistemas em áreas de baixa densidade demográfica que são, normalmente, territórios que se deparam com desafios ainda maiores para se tornarem competitivos, sendo que esses ecossistemas podem ser fundamentais para a mudança desse cenário.

De acordo com a United Nations (2019), a população do mundo continua a crescer, embora em um ritmo mais lento do que em qualquer momento desde 1950, e pode-se observar que em alguns países a população está diminuindo decorrente da baixa fertilidade ou devido à emigração. Em relação ao despovoamento de regiões do mundo, a OECD (2018:3) estabelece que “while urban areas have become denser on average, today 60% of urban space is sparsely populated”.

Em alguns países do mundo, ademais das baixas taxas de crescimento efetivo da população, soma-se o envelhecimento das comunidades e o êxodo de jovens. A partir de dinâmicas espontâneas que direcionam pessoas para zonas que se beneficiam de economias de aglomeração, *i.e.*, localidades com recursos humanos, empresas, infraestrutura de conhecimento, entre outros atributos capazes de gerar competitividade (Martins & Figueiredo, 2008), sendo que parte da população jovem se sente atraída e migra para essas áreas.

Além das dificuldades enfrentadas pelos territórios de baixa densidade demográfica, muitas vezes, há pouca interação entre os atores sociais locais, com destaque para a incipiente cooperação de instituições de ensino/empresas/governo/terceiro setor, o que Ferrão (2016) denominou como baixa densidade relacional.

Acrescenta-se a isso, a complexidade inerente aos baixos níveis de capital social. Neste âmbito, esclarece-se que o capital social está relacionado, entre outros fatores, com a capacidade de associativismo e o grau de confiança existente entre os membros de determinada comunidade (Putnam, 1996). Os baixos níveis de densidade relacional, assim como de capital social, trazem repercussões negativas na competitividade territorial.

No que tange a modelagem de ecossistemas de empreendedorismo e inovação, há diversos modelos que se propõem a compreender as realidades, mas há um gap na literatura, uma vez que há aspectos críticos que os modelos não analisam a fundo, assim como fatores essenciais com poder de impulsionar o processo de evolução desses ecossistemas (Xu & Dobson, 2019; Ratten & Jones, 2018; Schoar, 2010), e é exatamente sobre esse gap, que o presente artigo se propõe a refletir.

Desta forma, a presente investigação pretende responder as seguintes perguntas: (i) “quais as particularidades que podem ser observadas em processos de formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação em territórios de baixa densidade demográfica? ”, e (ii) “quais as estratégias usadas para promover o desenvolvimento dos referidos ecossistemas em territórios de baixa densidade? ”. Neste âmbito, foram identificados e analisados três projetos portugueses relacionados a criação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação, a saber, o Parque Tecnológico do Vale do Tejo – Tagusvalley em Abrantes; o Living Lab Beira da Cova no Fundão; e o Habitat de Inovação Empresarial nos Setores Estratégicos – HIESE em Penela.

Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo apresentar uma discussão sobre algumas das problemáticas enfrentadas por esses projetos, entre estas, as barreiras de implementação. Discute-se, também, as dificuldades advindas do desequilíbrio demográfico. Ao refletir sobre os projetos em análise, é essencial compreender o contexto no qual se inserem, uma vez que o empreendedorismo e a inovação não surgem do nada, mas inserem-se em contextos políticos e sociais específicos (GEDI, 2018). Desta maneira, foram analisados: (i) o desenho inicial de criação, assim como os *stakeholders* envolvidos, (ii) as barreiras enfrentadas em sua implementação; (iii) os elementos facilitadores do processo de formação de ecossistemas e (iv) as estratégias adotadas pelos gestores dos projetos.

O artigo está estruturado da seguinte forma, inicialmente, discorre-se sobre a revisão de literatura, seguido dos procedimentos metodológicos e da caracterização das áreas de estudo. Na sequência, apresenta-se os resultados nos três municípios em análise, respectivamente: Abrantes, Fundão e Penela. A seguir, são debatidos os resultados e apresenta-se o *framework* conceitual para o processo de formação de ecossistemas de empreendedorismo/inovação em áreas de baixa densidade demográfica. Por fim, são traçadas as estratégias para suporte a gestores públicos, são apresentadas as limitações da investigação e são realizadas as recomendações de estudos futuros.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Inovação, Empreendedorismo e o conceito de Ecossistemas

A definição de inovação, ainda não é consensuada pelas diversas áreas do conhecimento (Kotsemir et al., 2013). Uma das definições é a de Edquist (1999:7) que estabelece que a inovação é formada por “... complicated feedback mechanisms and interactive relations involving science, technology, learning, production, institutions, organisations, policy, and demand”.

Os processos tradicionais de inovação aconteciam, normalmente, dentro de empresas ou de universidades, mas, devido à proximidade entre estas organizações, estão dando lugar ao novo paradigma: a inovação aberta (Bravo & Resende, 2014). Neste contexto, a cooperação e formação de rede entre diferentes *stakeholders* se tornou fundamental, sendo que as redes podem ser entendidas como “...um conjunto de posições ou nós, ocupado por indivíduos, empresas, unidades de negócio, universidades, governos, clientes ou outros agentes, e os elos de ligação e ou interações entre estes nós” (Tidd et al., 2003:225).

Importante esclarecer que os processos de inovação são complexos, e é essencial que as empresas interajam com outras empresas/instituições para que desenvolvam e/ou troquem conhecimentos, informações, assim como outros recursos (Edquist, 1999). O estabelecido por esse autor, é só um dos argumentos que justifica a importância da formação de ecossistemas de inovação que “... evolving set of actors, activities, and artifacts, and

the institutions and relations, including complementary and substitute relations, that are important for the innovative performance of an actor or a population of actors” (Granstrand & Holgersson, 2020:1). Os debates sobre ecossistemas de inovação se intensificaram a cerca de 15 anos e a terminologia surgiu sob uma perspectiva auspiciosa, no que tange a literatura científica relacionada à estratégia, ao empreendedorismo e à inovação (Gomes et al., 2018).

Uma das tendências nas políticas públicas de empreendedorismo e inovação é ter uma abordagem holística, no que tange o empreendedorismo e a inovação (Autio et al., 2014). O empreendedorismo por ser visto como:

...um fenômeno individual, ligado à criação de empresas, quer através de aproveitamento de oportunidades ou simplesmente por necessidade de sobrevivência, do que um fenômeno social que pode levar o indivíduo ou uma comunidade a desenvolver capacidades de solucionar problemas e buscar a construção do próprio futuro, isto é, de gerar capital social e capital humano (Zarpellon, 2010:48).

De acordo com Isenberg (2010), não há uma receita de como criar uma economia empreendedora, mas há alguns princípios a serem seguidos, entre estes, (i) realizar a modelagem do ecossistema empreendedor em consonância com a realidade local e suas condições; (ii) envolver o setor privado, uma vez que o poder público não tem capacidade de sozinho desenvolver o empreendedorismo e (iii) estimular a cultura empreendedora.

O empreendedorismo precisa estar diretamente relacionado aos sistemas regionais de inovação, o que inclui entre outras questões: a formação de redes, a interação, os processos de aprendizagens e a inovação (Cooke, 2001). Os ecossistemas de empreendedorismo são formados a partir de fatores, atributos, recursos e atores regionais que fomentam empresas inovadoras, assim como empresas de alto crescimento, sendo que os aspectos socioculturais, econômicos e políticos, da região em que se inserem, influenciam esses ecossistemas (Spigel, 2017, 2019). De acordo com o autor:

... ecosystems represent a new approach to entrepreneurship policy, which focuses on the organic creation of supportive environments based around the needs of high-growth entrepreneurs rather than concentrating on ways that the state can increase the overall rate of new firm formation (Spigel, 2019:128).

Apesar da literatura sobre ecossistemas de empreendedorismo ter crescido nos últimos anos, as pesquisas na área ainda são poucas e, além disso, estas são fragmentadas (Maroufkhani et al., 2018). De acordo com Alvedalen & Boschma (2017), há uma série de fragilidades na literatura sobre o tema, entre estas: (i) falta de estrutura analítica que permita analisar causa e efeito nos ecossistemas de empreendedorismo; (ii) falta maior clareza de como os elementos propostos se conectam e quais as interações mais relevantes, (iii) falta identificar quais instituições impactam a estrutura e o desempenho dos ecossistemas, e em qual escala espacial, (iv) há uma abordagem de estudos de caso, mas faltam perspectivas comparadas e em diferentes escalas e (v) as análises são estáticas, ou seja, avaliam os ecossistemas sem considerar seu ciclo de vida. A presente investigação pretende contribuir no debate de algumas dessas fragilidades, corroborando, em especial, com os itens *ii* e *iii*, a partir dos elementos em análise nos estudos de caso.

1.2 Ecossistemas de Empreendedorismo e Territórios de Baixa Densidade Demográfica

A partir da pesquisa das palavras "entrepreneurial ecosystems" e "peripheral", em uma das principais bases de indexação de artigos: *Web of Science*, detectou-se dez registros de estudos (Quadro 1). Xu & Dobson (2019) apresentam um *framework* conceitual e exemplificam o proposto com estudo de caso em um *cluster* específico, a saber, jogos digitais; e além disso, estabelecem que devido a baixa densidade demográfica, as áreas periféricas podem sofrer impactos relativos ao fato de eventualmente não terem todos os *players* desejados, entre estes, investidores. Fiorentino (2019), por meio do estudo de região periférica, estabelece que ao redor do mundo há, cada vez mais, às margens das cidades, projetos de incubação de empresas e que estes vem questionando as

estratégias tradicionais de regeneração urbana. Yamamura & Lassalle (2019), a partir da análise de uma ilha, observam que apesar das altas proximidades entre os atores sociais, pode haver o paradoxo da proximidade, e que este precisa ser superado para o trabalho colaborativo e o desenvolvimento de ambiente empresarial eficaz. Schaeffer et al. (2018) analisam o papel das universidades no processo de criação de ecossistemas de inovação, e avaliam a atividade inovadora a partir de três vetores, a saber, criação de patentes, desenvolvimento de softwares e conhecimento intensivo em empreendedorismo. Calzada (2018) aplica a metodologia denominada “Tourism Living Lab through Multistakeholders' Penta Helix framework” em região periférica e ressalta a importância de práticas *bottom-up*. Nieth et al. (2018) analisam as condições nas quais se inserem diferentes *stakeholders* para a construção de estratégias que possibilitam o desenvolvimento regional em regiões periféricas em três países distintos. Credit et al. (2018) fazem uma revisão crítica do uso e da limitação de dados relativos a ecossistemas de empreendedorismo, assim como de patrimônio empresarial, *spin-offs*, cultura empreendedora e dos estudos emergentes de ecossistemas em regiões periféricas. Brown (2016), a partir da análise do papel das universidades no processo de criação de sistemas regionais de inovação, acredita ser pouco funcional a dependência excessiva de apenas uma solução para o incremento da inovação. Brown et al. (2014) se atentam para uma questão relevante e estabelecem que as falhas relativas as políticas públicas, raramente, são reconhecidas; fato este que impede a oportunidade de se aprender com os erros. Martinez-Fernandez & Potts (2008) observaram que os subúrbios periféricos de áreas metropolitanas possuem processos de inovação que exigem um planejamento específico para potencializar a inovação.

Quadro 1: Estudos - "entrepreneurial ecosystems" AND "peripheral

Foco/tema	Autor (es)/ano	Estudo de Caso	Síntese das principais conclusões
Políticas públicas e desenvolvimento de ecossistemas de empreendedorismo em locais periféricos	Xu & Dobson, 2019	Guildford, United Kingdom	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Framework conceitual, no qual propõe o desenvolvimento de finanças, talento, ambiente sociocultural, infraestrutura, mercados e políticas para promoção de ecossistemas de empreendedorismo. ✓ As condições específicas dos locais periféricos variam drasticamente de local para local.
O papel dos espaços de co-working em ecossistemas de empreendedorismo em áreas periféricas	Fiorentino, 2019	Roma, Italy	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificaram três tipos de <i>co-working</i>: <i>bottom-up</i>, <i>top-down</i> e comercial, sendo que não há coesão entre essas iniciativas. ✓ Os arranjos gerenciais complexos demonstram o nível de informalidade e a fragmentação existente. ✓ Não há qualquer estrutura política de suporte aos co-working, mas estes têm papel importante no desenvolvimento econômico e na regeneração urbana.
A proximidade de atores institucionais na construção de ecossistemas de empreendedorismo, em específico, em uma nova indústria regional, a de jogos.	Yamamura & Lassalle, 2019	Malta	<ul style="list-style-type: none"> ✓ É essencial a colaboração entre atores institucionais nos processos de criação de ecossistemas de empreendedorismo, no contexto de ilhas pequenas. ✓ A colaboração possibilita superar passivos e escassez de recursos, por meio dos diferentes tipos de proximidades entre atores, sendo estas facilitadas na ilha em estudo pelas proximidades: geográfica, institucional, social e cognitiva.
O papel de universidades na formação de ecossistemas de inovação, no contexto de um país em	Schaeffer, Fischer & Queiroz, 2018	State of Sao Paulo, Brazil	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Criação de modelo empírico para a realização de análise da relevância da presença de universidade (de alta qualidade) em determinada localidade. ✓ Há a necessidade de haver incentivos a uma maior interação entre universidades e mercados para o incremento da inovação.

**STRATEGIES FOR THE FORMATION OF ENTREPRENEURSHIP AND INNOVATION ECOSYSTEMS:
CONCEPTUAL FRAMEWORK FROM PORTUGUESE CASES**
DANIELA FANTONI ALVARES, ANA ISABEL DIAS DANIEL,
CELESTE MARIA DIAS DE AMORIM VARUM, ANABELA BOTELHO

desenvolvimento.			
Estímulo ao empreendedorismo local e a processos <i>bottom-up</i> em região periférica, a partir de living lab na área de turismo.	Calzada, 2018	Zumai, Spain	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estabelecimento de práticas democráticas de formulação de políticas públicas de turismo, nas quais inclui a participação na formulação da estratégia, a promoção de ecossistema de empreendedorismo e a formação de capital social. ✓ Defende a estrutura multissetorial baseada no penta helix como uma metodologia para promoção do empreendedorismo local.
A especialização inteligente e abordagens efetivas como forma de ativar o sistema regional de inovação em três áreas periféricas.	Nieth, Benneworth, Charles, Fonseca, Rodrigues, Salomaa & Stienstra, 2018	Twente (Netherlands), Aveiro (Portugal) and Lincolnshire (United Kingdom)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Há três raciocínios que emergem: usando estratégias como caminhos, criando novas organizações flexíveis e retendo empreendedores institucionais. ✓ É possível distinguir raciocínios causais (estático e restritivo) e raciocínios eficazes (estratégias iterativas e progressistas) em processos de descoberta empresarial.
Reflexão sobre dados e métricas em análises geográficas avançadas de ecossistemas empresariais.	Credit, Mack & Mayer, 2018	Não se aplica	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A partir da análise de dados secundários, observam que há uma infinidade de dados relativos ao empreendedorismo, entre estes o “Panel Study of Entrepreneurial Dynamics” (PSED) e os já muito utilizados dados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM). ✓ As lacunas podem estar relacionadas à pobreza de esforços de compartilhamento de dados, e não à pobreza de dado disponível.
O papel das universidades para os sistemas regionais de inovação em áreas periféricas.	Brown, 2016	Scotland	<ul style="list-style-type: none"> ✓ As universidades têm um papel que transcende a formação de capital humano, a realização de pesquisas básicas e a transferência de tecnologia. ✓ Os empresários, as micro e pequenas empresas, assim como empresas de grande porte, deveriam ser envolvidos mais ativamente na formulação de políticas de inovação.
Os motivos de fracasso da política de inovação regional com especial atenção a análise de uma de suas ferramentas, a Iniciativa de Tecnologias Intermediárias (ITI)	Brown, Gregson & Mason, 2014	Scotland	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O ITI teve por objetivo identificar no mercado mundial oportunidades nas seguintes áreas: tecnologia da informação e comunicação, mídias digitais e energia e “... the ITI programme badly malfunctioned and was not the policy panacea envisaged by policy-makers” (Brown et. Al, 2014). ✓ As falhas nas políticas públicas precisam ser reconhecidas e avaliadas, sendo essencial mensurar os fracassos e não somente o sucesso.
A intensidade da inovação em áreas periféricas de regiões metropolitanas, a partir do uso do conceito de ecossistema de inovação	Martinez-Fernandez & Potts, 2008	Sydney (Camden, Wollondilly and Campbeltown)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Os principais fatores para a inovação na região em análise foram: intensidade do conhecimento, dinâmica ambiental e acessibilidade. ✓ Nos estudos de caso, as áreas mesmo relativamente próximas geograficamente e pertencentes à mesma região metropolitana, possuíam diferentes elementos no sistema de inovação.

Fonte: Elaboração própria, 2020

Pode-se observar que há diversas abordagens nos estudos sobre “peripheral” e “entrepreneurial ecosystems”. Alguns desses se atêm também sobre os ecossistemas de inovação, assim como os sistemas regionais de

inovação. Sabe-se que não é toda produção acadêmica sobre o tema indexada na base de dados: *Web of Science*, mas pondera-se que ainda há poucas investigações sobre a temática. Além disso, as pesquisas indexadas na

referida base são majoritariamente com estudos de caso realizados em países europeus, com exceção de dois estudos (Austrália e Brasil).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é exploratório e possui abordagem qualitativa. A preservação e difusão de dados qualitativos são essenciais para a análise de aspectos sistêmicos de ecossistemas, assim como de questões mais subjetivas ligadas a áreas periféricas (Credit et al., 2018). Neste sentido, partiu-se da revisão de literatura que versou sobre as temáticas de ecossistemas de inovação e empreendedorismo, em interface com áreas de baixa densidade demográfica.

Na sequência, foram realizados estudos de casos dos projetos: Parque Tecnológico do Vale do Tejo (Tagusvalley) em Abrantes; Living Lab Beira da Cova no Fundão; e Habitat de Inovação Empresarial nos Setores Estratégicos (HIESE) em Penela. Os referidos projetos não representam todos os esforços de criação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação nos territórios em análise, uma vez que há outros projetos e iniciativas relevantes nessas localidades. No entanto, esses são essenciais para os ecossistemas em análise, além de ser referência nacional; e alguns serem reconhecidos internacionalmente, como por exemplo o HIESE, por meio do programa Smart Rural Smart HIESE.

Realizou-se entrevistas com nove *stakeholders* diretamente envolvidos com os projetos em análise, a saber, (i) gestores/membros das equipes de gestão dos projetos; (ii) gestores/técnicos das câmaras municipais e (iii) membros de associações envolvidas na implementação e/ou na gestão dos projetos.

Na análise dos dados, os entrevistados foram agrupados por municípios com o intuito de promover o anonimato completo desses e, para não gerar quaisquer possíveis constrangimentos entre entidades, não foi explicitado a qual órgão o entrevistado estava vinculado. Desta forma, durante o presente artigo todos os entrevistados serão denominados com a letra “E”, seguido no nome do município ao qual pertencem. Importante pontuar que as entrevistas foram aplicadas de forma equilibrada entre os municípios/*stakeholders* participantes dos projetos e foram examinadas a partir da técnica de análise de conteúdo.

A análise de conteúdo se constitui por uma série de técnicas realizadas com procedimentos sistemáticos, que permitem a mensuração (quanti-qualitativa) de comunicações e possibilita a realização de inferências sobre os conteúdos analisados (Bardin, 1977). As entrevistas foram transcritas *ipisi literes* e os trechos utilizados mantiveram esse padrão. Utilizou-se no processo de apreciação, o software NVivo. Além das entrevistas, foram realizadas visitas técnicas às instalações dos projetos.

Após análise e discussão dos resultados, que se ateve as particularidades nos processos de formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação em áreas de baixa densidade demográfica em Portugal, foi apresentado *framework* conceitual. Este foi construído de forma esquemática com o intuito de permitir melhor visualização dos fatores em análise, nomeadamente, barreiras, elementos facilitadores e estratégias. Ressalta-se que o referido *framework* tem potencial de ser utilizado como ferramenta, em territórios similares, para a criação/implementação dos citados ecossistemas.

Importante esclarecer que no presente estudo, optou-se por utilizar a terminologia “territórios de baixa densidade demográfica” que considera a densidade populacional (<50hab/km²), a taxa de fecundidade, o índice de envelhecimento da população, a dependência dos idosos e o PIB *per capita* (Conselho da União Europeia, 2006). Há pesquisas que utilizam o termo “peripheral places” que pode ser definido como “rural or marginal regions (e.g. smaller/dispersed urban areas, towns, areas of low density population) rather than major cities or centres for development” (Xu & Dobson, 2019: 409). No entanto, não há consenso sobre a definição do conceito, o que gera grande ambiguidade (Ferrão & Jensen-Butler, 1988). Neste sentido, a escolha por “territórios de baixa densidade demográfica” teve a intenção de clarificar o foco da investigação, assim como evitar possíveis confusões relativas ao termo “áreas periféricas”, uma vez que, em algumas partes do mundo, há um significado pejorativo associado, remetendo-as a pobreza extrema, assim como a criminalidade. O que não é a realidade dos municípios portugueses em análise.

Ainda é importante elucidar que, a partir de análises empíricas, percebe-se que em áreas de baixa densidade os ecossistemas de empreendedorismo e inovação são criados, com grande frequência, de forma conjunta. Fato

este, que dificulta análises dissociadas, devido a pontos de intercessão e complementariedade de difíceis mensurações. Neste âmbito, no presente estudo, os referidos ecossistemas serão analisados de maneira agregada.

3 CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO

Os estudos de caso foram realizados em três municípios de baixa densidade demográfica localizados na região centro de Portugal, a saber, Abrantes (sub-região Médio Tejo), Fundão (sub-região Beiras e Serra da Estrela) e Penela (sub-região Coimbra). As dinâmicas demográficas em Portugal, nas últimas décadas, demonstram que dois terços do país estão ameaçados de despovoamento (Ramos, 2014). O país possui 165 municípios e 73 freguesias de baixa densidade demográfica (Comissão Interministerial de Coordenação, 2015). A partir desse contexto, observa-se que:

“Portugal necessita de um novo paradigma do desenvolvimento e de coesão territorial. Um paradigma que conceba as políticas necessárias à reversão do círculo vicioso das baixas densidades, através da geração de riqueza e de emprego baseados no aproveitamento, criação e fixação de valor a partir dos recursos endógenos, das competências e das capacidades territoriais” (Ramos, 2014:19).

Os municípios em análise (Tabela 1) possuem índice de envelhecimento acima da média portuguesa que é de 157,4 (ano base: 2018) e taxa de crescimento efetivo negativo, ainda mais acentuado que média nacional, sendo que no ano de 2017 foi uma taxa negativa de 0,18 %.

Tabela 1: Caracterização das áreas de estudo - ano base 2017

Município	Tamanho*	Pop.**	Dens. Pop.** (nº/km ²)	Índice envelhec.**	Taxa cresc. efetivo anual** (%)
Abrantes	714,69 km ²	35.89	50,1	254,5	-1,2
Fundão	700,20 km ²	27.039	38,6	264,5	-1,2
Penela	132,49 km ²	5.485	40,7	275,7	-1,3

Fonte: Elaboração própria, 2020, a partir de dados * Instituto Geográfico Português (2019);

** PORTDATA (2019), Direção Geral do Território, Carta Administrativa Oficial de Portugal (2018)

Apesar de possuírem áreas territoriais e quantitativos populacionais distintos, esses territórios têm elementos comuns que permitem a comparabilidade. Os três municípios, além de se inserirem em áreas de baixa densidade demográfica, desenvolvem projetos de empreendedorismo/inovação, por meio de parcerias.

Destaca-se que os diversos *stakeholders* da região centro de Portugal tem realizado ações em prol do empreendedorismo e da inovação, entres estas, a criação no ano de 2007 da Rede de Incubação e Empreendedorismo da Região Centro, designada, atualmente, por Rede de Incubadoras de Empresas da Região Centro (RIERC). Essa rede tem como missão: (i) apoiar as empresas nos primeiros passos do desenvolvimento de novas ideias e produtos; (ii) criar uma rede que permita o aumento da partilha de conhecimento e (iii) apoiar e promover a fixação de empresas na região centro do país. A RIERC é constituída por 18 incubadoras e mais de 500 empresas incubadas (RIERC, 2019).

4 RESULTADOS

Serão apresentados os estudos de caso dos projetos desenvolvidos em Abrantes, Fundão e Penela.

4.1 Abrantes

O Parque Tecnológico do Vale do Tejo, conhecido como Tagusvalley, surgiu em 2004 sob a designação de TecnoPolo do Vale do Tejo e fica localizado nas antigas instalações da União Fabril do Azoto da CUF, no concelho de Abrantes. É um ecossistema formado por uma incubadora de empresas, uma entidade do ensino

superior, uma entidade do sistema de formação profissional, dois laboratórios de transferência de conhecimento, três entidades do tecido associativo regional e 37 empresas incubadas. A Tagusvalley fomenta os seguintes setores: Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), Energia, Metalomecânica e Agroalimentar.

Nesses quinze anos de atividade, a Tagusvalley: *(i)* apoiou a criação de 69 empresas que faturaram 50 milhões de euros, no período 2010/2018; *(ii)* criou cerca de 140 novos postos de trabalho; *(iii)* implementou, como promotor ou parceiro, dezenas de projetos de investigação com e para as empresas e *(iv)* atuou na parceria para a formação de centenas de jovens e adultos (Tagusvalley, 2019).

O contexto de criação do Tagusvalley envolve três parceiros estratégicos, a partir do desafio lançado pela Câmara Municipal de Abrantes à Associação Empresarial da Região de Santarém – NERSANT e ao Instituto Politécnico de Tomar. De acordo com um dos entrevistados:

... em conjunto os três se organizaram e conjugaram para começar a pensar num projeto desafiador de criar uma estrutura que pudesse qualificar o concelho e a região para o apoio às empresas com uma perspectiva muito mais atual, muito mais moderna e, muito mais adequada às necessidades que elas viriam a ter no futuro (E - Abrantes, 2019).

O Tagusvalley se constitui como uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, formada por cinco sócios, nomeadamente, as três entidades que participaram da sua criação: Câmara Municipal de Abrantes, NERSANT e Instituto Politécnico de Tomar, assim como, o Instituto Politécnico de Santarém e a Tejo Energia.

Percebe-se, a partir da visão de um dos entrevistados, que as estratégias de criação da Tagusvalley envolveram o anseio de:

“... criar as condições para fazer surgir um núcleo diferenciado e adequado às necessidades das empresas (...), capacitá-las para o salto tecnológico e de inovação que viria aí e que iria ser essencial para fixar as que já cá estavam e atrair novas” (E - Abrantes, 2019).

Em suma, constituir um ambiente que permitisse às empresas inovarem e alcançarem o desenvolvimento tecnológico, isso tanto para as empresas do município, quanto as que viriam a instalar-se.

Um aspecto interessante, é o referenciado por um dos entrevistados:

“... há aqui, claramente, um objetivo de desenvolvimento económico, mas também, uma perspectiva muito de **coesão territorial, coesão social** (grifo nosso)...” (E - Abrantes, 2019).

A coesão social tem relação com a capacidade que os indivíduos possuem de se manterem integrados/unidos ao grupo social que participam (Durkheim, 1999). Já a coesão territorial é um conceito multidimensional que envolve: *(i)* qualidade territorial (padrões de qualidade de vida e acesso equitativo a equipamentos/infraestrutura), *(ii)* eficiência territorial (competitividade do tecido económico, capacidade de cooperação e resiliência, assim como uso eficiente/racional de recursos naturais) e *(iii)* identidade territorial (existência de capital social, visões partilhadas de futuro e capacidade de realizar prospecção) (Camagni, 2006).

No processo de criação do Tagusvalley houve preocupação com a reabilitação urbana:

“... a comunidade também conquistou um espaço que estava completamente abandonado”, além disso, “... não está a ser construído nada de novo, está-se a reabilitar e a regenerar equipamento e edifícios que já havia.” (E - Abrantes, 2019).

Neste sentido, observa-se que:

“A reabilitação urbana assume-se hoje como uma componente indispensável da política das cidades e da política de habitação, na medida em que nela convergem os objetivos de requalificação e revitalização das cidades, em particular das suas áreas mais degradadas,

(...) procurando-se um funcionamento globalmente mais harmonioso e sustentável das cidades...” (Decreto-Lei nº 307, 2009)

Somada à reabilitação urbana, há a questão da apropriação dos espaços da cidade:

“hoje as pessoas fazem desporto, correm, passeiam os cães, andam por aí de skates, ou seja, é um espaço da cidade!” (E - Abrantes, 2019).

Além disso, observa-se que a sustentabilidade é uma das inquietações dos gestores/parceiros do referido projeto, sendo que de acordo com um dos entrevistados:

“... o desenvolvimento do nosso projeto está dentro do conceito de smart cities, sustentabilidade, uma componente dos ODS...” (E – Abrantes, 2019).

As maiores dificuldades de criação do Tagusvalley estão ligadas a questões políticas e a fixação de talentos no território. Já os elementos que facilitaram o processo foram a capacidade financeira inicial do município, acrescido dos investimentos e dos fundos públicos.

4.2 Fundão

O Living Lab Cova da Beira é um consórcio formado pelo poder público municipal em parceria com empresas, universidades, bancos e instituições públicas e privadas, que surgiu em 2013, o qual tem como premissas a captação de investimento, a criação de emprego e a fixação de pessoas na região. De acordo com um dos entrevistados, em finais de 2012, o município do Fundão, ...começou a desenhar uma estratégia para atração de investimento, criação de emprego e fomento da inovação” (E - Fundão, 2019). Os serviços ofertados são: (i) Incubadora a Praça, (ii) Cowork Fundão, (iii) Fab Lab Aldeias do Xisto, (iv) Centro de Formação Avançada, (v) Casa-Oficina, (vi) Escola Aldeia, (vii) Pólo de investigação e desenvolvimento em telemonitorização para a saúde, (viii) Clube de Produtores e (ix) Centro de Negócios e Serviços.

O contexto ao qual o Fundão se insere, assim como o ponto de partida do referido projeto, tem relação com a baixa densidade demográfica, conforme relatado por um dos entrevistados:

... é um problema, é um desafio semelhante a todo o interior de Portugal, perda de população. E a tendência para a desertificação, que nuns sítios é mais acentuado que noutros, mas isto é uma realidade de todos os territórios, exceto na faixa litoral do país e o Algarve, todos os territórios estão perdendo população (E - Fundão, 2019).

E neste âmbito, um dos entrevistados estabelece que:

Portanto, para nós era claro e evidente que é necessária uma estratégia forte e determinada para tentar reverter essa tendência. Sabemos que isso não se inverte em pouco tempo, não é uma política de curto e nem de médio prazo, a estrutura demográfica é complexa e, portanto, vai continuar durante muito tempo a morrer mais pessoas que nascem em toda essa região. Portanto, o saldo natural será negativo, mas temos que tentar reverter pelo saldo migratório, tentar atrair pessoas, reter as pessoas cá, evitar que elas saiam (E - Fundão, 2019).

A questão demográfica é complexa e, para tanto, necessita de políticas públicas de longo prazo. Essas políticas precisam estar alinhadas com estratégias que possibilitem a criação de condições para que as pessoas do

município permaneçam lá, assim como para a atração de pessoas de fora. E essas condições, de acordo com um dos entrevistados, estão atreladas a uma série de aspectos, como:

... criação de emprego, atrair investimento, atrair empresas, aumentar a inovação, para que a nossa ‘malta’ mais nova, nossos jovens possam ficar. Possam desenvolver cá suas ideias, ter aqui um ecossistema que os permita ficar, para além de, obviamente, tentar e criar e fazer dos nossos territórios, cada vez mais, atrativos para as pessoas viverem cá (E - Fundão, 2019).

Junto a estratégia da criação desse ambiente, houve por parte dos gestores públicos uma aposta na reabilitação dos espaços urbanos e na ocupação do centro da cidade:

“...com esse princípio de não construir nada de novo, nós queremos incentivar a forma de efetivar a reabilitação urbana. Fomos uns dos primeiros municípios a criar uma área de reabilitação urbana que se permite aceder um conjunto de incentivos especiais para as pessoas que investissem nessas zonas delimitadas como tal, e temos permitido fazer um crescimento, muito grande, para todos os processos de reabilitação urbana na zona antiga do Fundão”. E acrescenta, “... temos um programa para facilitar que as pessoas se instalem e residam no centro da cidade, na zona antiga e temos um programa que permite aceleração das empresas e dos projetos que nasçam na nossa incubadora para lojas na zona antiga e que o município, durante o primeiro ano, consegue garantir uma renda mais baixa, e, portanto, e nós fazemos essa migração da incubadora para essas lojas” (E - Fundão, 2019).

Ainda no âmbito da estratégia do Fundão, um dos entrevistados afirma que:

Nós queríamos desenhar uma estratégia que fosse mais integrada possível, como dizia a pouco, que focasse nas questões centrais da atração de investimento, criação de emprego e fomento da inovação, **mas criasse um sistema também de apoio e incentivos quer às empresas, quer às pessoas** (grifo nosso). E é um pacote mais vasto e aí não entram questões financeiras, não entra muito dinheiro, as empresas pagam bem, então o que temos de decidir, a questão é a atratividade das cidades, é o pacote de **acolhimento** (grifo nosso), é a facilitação (E - Fundão, 2019).

Destaca-se o elemento acolhimento, ou seja, a hospitalidade e o bem receber. Neste sentido, identifica-se uma preocupação com a acolhida das pessoas que vem de fora para se integrarem nas empresas do ecossistema que, atualmente, já totalizam mais de 500 funcionários de 32 nacionalidades. No Living Lab Cova da Beira, há uma equipe responsável pela recepção, assim como facilitação em questões relacionadas à moradia, escolas para filhos, entre outros aspectos operacionais/burocráticos:

“conseguimos garantir que no dia em que a pessoa chega ao Fundão, tem a chave da casa para entrar e tem o filho matriculado na escola, nós tratamos tudo, nós temos uma equipe dedicada a isso...” (E - Fundão, 2019).

Outra aposta estratégica dos gestores, é a captação de empresas a partir do discurso da qualidade de vida:

Nós quando apresentamos uma proposta a uma empresa, e nós fazemos isso com alguma proatividade... o primeiro ponto que lá aparece não é os incentivos, não é, não é as infraestruturas, não é o preço dos escritórios, **é a qualidade de vida** (grifo nosso). O que é que isso pode representar para às empresas que vêm para cá? Isto ao início era muito estranho para as

empresas perceberam isto, que elas só queriam pôr no Excel quanto é que custava o metro quadrado, quanto é que nós lhe reduzíamos de IMI ou IMT ou qualquer quer que fosse. Mas hoje essa abordagem funciona porque isso mexe com o recurso mais valioso deles que é os recursos humanos e nós

tentamos afirmar esta região como um sítio onde as pessoas podem viver melhor (grifo nosso), ter mais tempo disponível, e, portanto, se têm mais tempo disponível, podem produzir mais (E - Fundão, 2019).

Neste âmbito, percebe-se que a criação de um ecossistema de empreendedorismo e inovação no Fundão está atrelada a outras bandeiras que são: (i) a requalificação urbana, assim como a fixação de moradores no centro da cidade; (ii) a atração de pessoas e empresas de fora, a partir dos pressupostos da qualidade de vida e (iii) a hospitalidade nos processos de bem receber os novos funcionários originários de outras cidades/países.

Entre os elementos facilitadores para a formação dos ecossistemas, um dos entrevistados destaca:

“... a questão da liderança política... foi fundamental por dois aspectos: um pela visão/determinação e outro pela confiança das equipas e nas pessoas” (E - Fundão, 2019).

Enfatiza também o papel da comunidade e do grau de confiança existente, sendo este um dos elementos que compõem o capital social (Putnam, 1996; Dahl, 1997).

“E depois a questão da confiança nas equipas e ... no fundo, tudo isto se resumiu às pessoas. As pessoas que desenharam isto e implementaram, e têm vindo a implementar e a trabalhar nisto” (E - Fundão, 2019).

As barreiras no processo de criação do projeto Living Lab Beira da Cova, passaram inicialmente pela descrença e desconfiança da população local, uma vez que o projeto tinha ligação direta com tecnologia e robótica, e em um território rural como o em análise, a comunidade não conseguiu visualizar inicialmente um sentido. No entanto, assim que começaram a aparecer os resultados, esse cenário inicial foi alterado. De acordo com um dos entrevistados, uma empresa âncora alavancou em 2013:

“... cem postos de trabalho, o que na altura já era, para uma cidade que não tinha nenhum programador informático e uma empresa de IT, e uma empresa que ia cá colocar cem, já era uma grande vitória”, sendo que “isso deu credibilidade à estratégia...” (E - Fundão, 2019).

Observa-se que a cooperação é um elemento existente tanto no município, quanto na região:

Os municípios são muito mais cooperantes do que eram há, há alguns anos atrás e, isso... claro que ainda há alguma competição, por exemplo, pela utilização de investimento, mas isso é natural, quantos mais formos à luta se calhar mais hipóteses temos que uma região consiga atrair um investimento. Mas eu penso que hoje é, é de cooperação, nomeadamente aqui com os nossos vizinhos mais próximos, Covilhã e Castelo Branco, há uma série de iniciativas que estamos, que estamos a fazer em conjunto. Por exemplo, na área da incubação, há uma partilha de serviços. (E - Fundão, 2019).

Na opinião de um dos entrevistados, o município é um dos pioneiros em inovação social:

“...continuamos a apostar na inovação social, nós temos dois projetos. Temos dois dos primeiros projetos aprovados no âmbito do Portugal inovação social, foram aprovados pelo Fundão” (E - Fundão, 2019).

4.3 Penela

O Habitat de Inovação Empresarial nos Setores Estratégicos – HIESE é uma incubadora de empresas localizada na freguesia de Espinhal no município de Penela, criada em 2016, a partir de uma parceria entre a Câmara Municipal de Penela e o Instituto Pedro Nunes – IPN.

Um dos programas de referência desenvolvido pela incubadora foi o Smart Rural, Smart HIESE que foi um programa estruturante de suporte ao empreendedorismo e à inovação rural com duração de dois anos (06/2017 a 06/2019), financiado pelo CENTRO 2020, PORTUGAL 2020, Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional – FEDER e promovido pelo IPN. De acordo com um dos entrevistados:

...em 2006, o município de Penela fez uma coisa absolutamente inovadora. Na altura que foi, ter um programa director de inovação, competitividade e empreendedorismo. Hum...e que já previa como projecto estruturante ou projecto âncora a construção do HIESE, que só se veio a verificar 10 anos depois, e que seria o Instituto Pedro Nunes (IPN) o parceiro regional natural para ajudar a gerir esta infraestrutura, não é? Depois tivemos juntos em vários projectos, mas eu destacaria este que é o Smart Rural Smart HIESE (E - Penela, 2019).

O Smart Rural, Smart HIESE possui “... 6 setores estratégicos que têm que ver com os recursos endógenos, estamos a falar de Smart Rural reconhecendo este território como rural e que, querendo valorizar os recursos endógenos, a agroindústria, floresta e energias limpas” (E4, 2019). E esses setores estratégicos são: (i) agroindústria, (ii) floresta, (iii) energias limpas, (iv) Tecnologias de Informação, Comunicação e Eletrônica – TICE para serviços sociais, (v) serviços ambientais e (vi) produtos e serviços para turismo. E neste âmbito, um dos entrevistados ainda destaca:

Temos energia, temos serviços ambientais e de alguma forma não relacionada, mas intimamente ligada a economia circular, temos as TIC para os serviços sociais, portanto, todos aqueles 6 sectores que nós identificamos como aqueles que são estruturantes para o HIESE. Enquanto todo o mundo rural se continua a focar em agricultura e, quanto muito diversificação para turismo, nós vemos muitas mais oportunidades no mundo rural. Um mundo que pode ser também um local para as pessoas se fixarem, criarem os seus negócios e serem felizes (E - Penela, 2019).

No contexto de criação do HIESE, observa-se, conforme exposto por um dos entrevistados que:

A dor muito grande que tinha o município naquela altura era o fato de ser um município interior. Não havia as acessibilidades que há hoje em dia, claramente em decréscimo de população, envelhecimento de população, fuga de jovens e, portanto, tinha que ser criada uma dinâmica diferente que permitisse inverter ou conter, pelo menos, conter nos dias que correm já não é mau, não é? Todo o país está a envelhecer, todo o país está a perder população (E - Penela, 2019).

Ao discorrer sobre as dificuldades do trabalho em rede, um dos entrevistados estabelece: “*Há dificuldades? Há. Mas obstáculos é uma coisa, dificuldades é outra. Dificuldades, nós falamos linguagens diferentes. Isso é importante que se perceba, não é? Os timings, tudo é diferente*” (E - Penela, 2019).

Uma das facilidades identificadas no processo de criação do HIESE foi a relação construída entre os parceiros, assim como a importância do IPN:

... há uma história por detrás de 10 anos de constituirmos aquele Smart Rural Smart HIESE. Eu diria que a relação entre o município de Penela e

o IPN já tem uma maturidade muito grande que de outra forma, eu diria que é muito precipitado, avançar logo para o casamento que foi o que nós fizemos aqui, sem haver um conhecimento prévio. Academia é uma coisa. Empresas é outra. O Governo, as instituições, esta **Triple Helix que se está sempre a falar é tudo muito bonito, mas não há relações capilares** (grifo nosso). O IPN já tinha uma relação capilar entre

Universidade e empresa na sua gênese e, agora, passa a haver com esta organização governamental (E - Penela, 2019).

De acordo com Etzkowitz & Zhou (2017:24), “as interações universidade-indústria-governo, que formam uma ‘hélice tríplice’ para a inovação e o empreendedorismo, são a chave para o crescimento econômico e o desenvolvimento social baseados no conhecimento”.

5 DISCUSSÃO

Inicialmente é essencial esclarecer que os projetos em análise possuem grau de maturidade diferente, sendo que alguns são mais recentes, como por exemplo, o HIESE (Penela), com cerca de quatro anos de implantação; seguido do Living Lab Beira da Cova (Fundão), com cerca de sete anos de trajetória; e o Tagusvalley (Abrantes), com cerca de quinze anos desde a sua criação. No entanto, o presente artigo não tem o intuito de mensurar os ciclos de vida, nem avaliar o desempenho dos referidos projetos.

Todos os projetos tiveram parceiros estratégicos para sua operacionalização, mas foram desenvolvidos por meio do modelo *top-down*, onde há a centralização das decisões, mesmo que possa haver algum estímulo a participação de atores sociais (Huntjens et al., 2010). Observa-se que nos três municípios a câmara municipal foi um dos principais catalisadores das iniciativas. Neste âmbito, ressalta-se a importância do governo nos processos em análise, mas, ao mesmo tempo, pondera-se sobre a relevância da efetiva participação de *stakeholders* nas tomadas de decisões, a partir de perspectivas *bottom-up*, conforme defendido por diversos autores, entre estes, Ossenbrink et al. (2019) e Calzada (2018).

As universidades e institutos politécnicos são importantes nos processos em análise, mas de uma maneira geral não foram os parceiros mais estratégicos e essenciais na criação/implementação das iniciativas, sendo que as parcerias: governo/terceiro setor foram mais efetivas. Apesar dos resultados dos casos de estudo, acredita-se que as universidades, os institutos politécnicos, assim como as demais instituições de pesquisa, são atores chave para a promoção da inovação e do desenvolvimento regional (Charles, 2006) e as parcerias com esses atores precisam ser, cada vez mais, consolidadas.

Em alguns dos municípios, há presença de empresas âncoras que foram fundamentais para a geração de emprego e até mesmo para a validação dos projetos, contribuindo para superar a descrença inicial por parte da comunidade local em relação aos mesmos. As empresas âncora são estratégicas para as economias regionais, seja pelo seu tamanho, atratividade ou poder de conexão (Feldmann, 2003), sendo que alguns projetos em análise tiveram êxito em atrair, assim como em reter essas empresas.

A economia compartilhada, que pode ser entendida como um sistema socioeconômico que envolve o compartilhamento de recursos humanos e físicos, nos quais inclui a criação, produção, distribuição e comércio de bens e serviços, seja por pessoas e/ou instituições (Gansky, 2010), é uma das táticas eficazes utilizadas por alguns dos projetos. Estes compartilham, com outras entidades/municípios, equipamentos que seria dispendioso ser adquirido somente para um projeto. Em relação a economia compartilhada, acredita-se que essa pode ser, cada vez mais, difundida e fomentada pelos projetos.

A partir da análise dos aspectos específicos/comuns (Quadro 2), percebe-se que Abrantes e Fundão desenvolvem trabalho com crianças e jovens na área de programação e empreendedorismo, demonstrando ter visão de futuro de médio e longo prazos, na qualificação de recursos humanos, que no futuro possam vir a atuar nos projetos. Penela tem sido desenvolvido congressos e *workshops* para formação de recursos humanos. Os três municípios em análise possuem visão de futuro e investiram/investem esforços na formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação, sendo que Abrantes e Fundão adotaram estratégias de reabilitação urbana no processo de criação/instalação dos projetos.

Quadro 2: Síntese dos resultados

Município	Aspectos Específicos	Aspectos em Comum
Abrantes	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Valorização e uso dos recursos endógenos ✓ Reabilitação de zona industrial em declínio ✓ Regeneração de edifícios ✓ Apropriação de espaços públicos 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Valorização e uso dos recursos endógenos ✓ Processos <i>top-down</i> na construção e implementação dos projetos. ✓ Visão de futuro identificada nos projetos. ✓ Ações de qualificação e formação de recursos humanos.
Fundão	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Valorização e uso dos recursos endógenos ✓ Hospitalidade ✓ Qualidade de vida ✓ Reabilitação urbana ✓ Fixação de pessoas/empresas no centro da cidade 	
Penela	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Valorização e uso dos recursos endógenos ✓ Reconhecimento do território rural e desejo de torná-lo <i>smart</i> ✓ Qualidade de vida 	

Fonte: elaboração própria, 2020

Por fim, destaca-se alguns aspectos específicos: (i) o discurso da qualidade de vida que pode ser observado na fala de alguns dos entrevistados no Fundão; (ii) a valorização de recursos endógenos, que podem ser observados nos três casos de estudo, e o desejo de transformar o território rural em *smart* aspecto que aparece em Penela; (iii) o elemento hospitalidade, no processo de recebimento de novas empresas/funcionários, que pode ser identificado no Fundão; (iv) as críticas a hélice tríplice, uma vez que esta é realmente difícil de ser operacionalizada e (v) a preocupação com o desenvolvimento da coesão social e territorial, conforme comentado por um dos entrevistados em Abrantes.

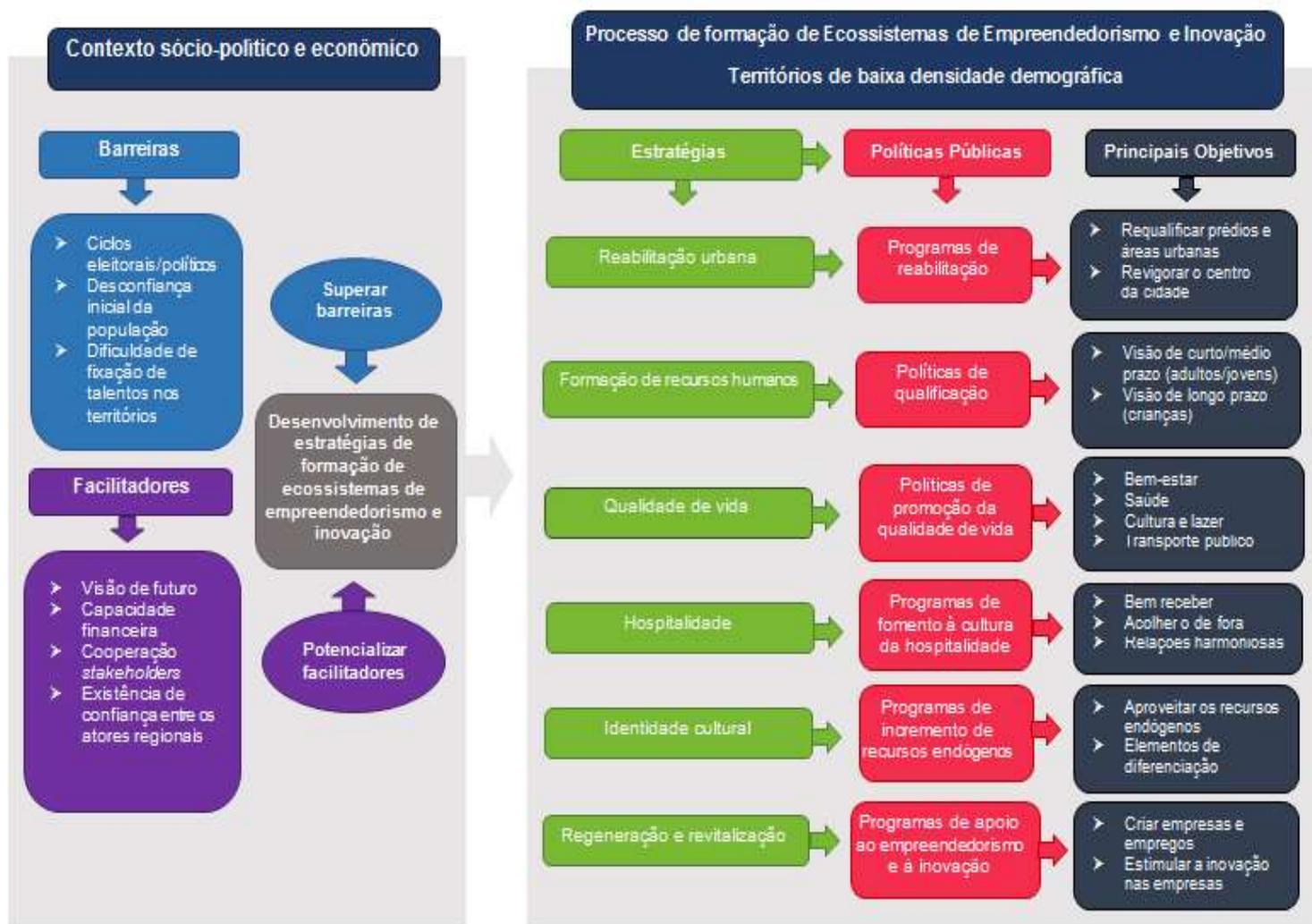
6 FRAMEWORK CONCEITUAL

O processo de formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação em territórios de baixa densidade possui algumas particularidades referentes a barreiras, facilitadores e estratégias, conforme detalhado na Figura 1. Para além das estratégias de regeneração (criação de novas empresas) e de revitalização (desenvolvimento das empresas existentes) do tecido econômico local, percebe-se que há uma série de estratégias que podem vir a potencializar esses territórios e os ecossistemas em análise, nomeadamente, (i) programas de reabilitação urbana, (ii) políticas de qualificação de recursos humanos, (iii) políticas de promoção de qualidade de vida, (iv) programas de fomento à cultura da hospitalidade, (v) programas de incremento aos usos de recursos endógenos e (vi) programas de apoio ao empreendedorismo e à inovação. A partir dos estudos de caso que possibilitaram análises empíricas, observa-se alguns padrões recorrentes sob os quais podem ser estabelecidos os seguintes pressupostos:

1. Em territórios de baixa densidade demográfica, nos quais pode haver recursos financeiros escassos, os projetos associados ao desenvolvimento de ecossistemas de empreendedorismo/ inovação devem
2. Potencializar os usos e a recuperação de prédios/áreas degradadas, a partir de programas de reabilitação urbana;
3. Em áreas com carência de recursos humanos, caso bastante comum em territórios de baixa densidade demográfica, é essencial realizar investimento em capacitações de forma estratégica (visão de curto/médio/longo prazos), por meio de políticas públicas efetivas de qualificação e formação desses recursos em áreas chave para o desenvolvimento do tecido econômico;
4. Em territórios de baixa densidade demográfica, há a necessidade de superar o *gap* entre o discurso e a efetiva promoção de qualidade de vida, a partir da promoção de políticas públicas, entre estas: saúde, bem-estar, cultura e lazer, mobilidade, entre outras, de forma a aumentar a atratividade dos territórios;
5. A hospitalidade deve ser estimulada nos territórios de baixa densidade demográfica, a partir de programas de fomento à cultura da hospitalidade, tendo por foco relações harmônicas entre comunidade local e empresas/empreendedores/funcionários que venham a se inserir nos ecossistemas de empreendedorismo e inovação, assim como o bem receber (empresas/clientes);
6. A valorização dos recursos endógenos deve ser utilizada como forma de fortalecer a identidade cultural dos territórios de baixa densidade demográfica, assim como de promover elementos de diferenciação dessas áreas, agregando valor aos produtos/serviços locais.
7. Em territórios de baixa densidade, é essencial promover a regeneração do tecido econômico e a revitalização de empresas locais, a partir da criação de empresas e do estímulo ao empreendedorismo e à inovação, possibilitando o aumento da competitividade e a geração de emprego/renda.

O contexto sócio-político e econômico, no qual se insere os ecossistemas de empreendedorismo e inovação, é formado por uma série de aspectos que podem vir a facilitar ou até mesmo gerar impedimentos/barreiras ao desenvolvimento deles. Os *stakeholders* envolvidos nos processos de formação desses ecossistemas precisam se atentar para as barreiras, entre estas algumas das identificadas nos casos de estudos: desconfiança inicial da população em relação às políticas e estratégias promovidas; os ciclos eleitorais; assim como dificuldade de atração e fixação de talentos nesses territórios. É essencial também detectar os elementos facilitadores. Nos estudos de caso, destaca-se: visão de futuro de atores sociais vinculados a diferentes instituições estratégicas, assim como confiança e cooperação entre estes; capacidade financeira do município e/ou de acesso a financiamentos (Portugal e/ou União Europeia); somado a existência de recursos endógenos que “englobam os recursos naturais e as matérias-primas, as competências, o conhecimento e a capacidade de inovação, as produções locais específicas (agricultura, floresta, artesanato, indústria local” (Conselho da Europa, 2011, n.p.). Ao ter por foco a criação de ambiente propício para a formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação, os elementos facilitadores precisam ser potencializados e as barreiras necessitam de ser superadas, sendo que os territórios devem estimular o desenvolvimento da hélice quádrupla, na qual a importância da sociedade civil é também reconhecida (Nordberg, 2015), sendo esta somada à tríade: universidade, indústria e governo.

Figura 4: Processo de formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação em territórios de baixa densidade demográfica



Fonte: Elaboração própria, 2020

Os processos de formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação em territórios de baixa densidade podem ser vistos como uma oportunidade para a reabilitação urbana, assim como para a promoção da ocupação e da revitalização de centros urbanos. A revitalização “... promove objetivos de desenvolvimento urbano e ações integradas com o fim de possibilitar "nova vida" às áreas urbanas decadentes ou subutilizadas” (Del Rio, 1993:58). A reabilitação urbana pode ser realizada não somente em prédios, nos quais se instalam os projetos em análise, mas também por meio de programas de suporte para que as novas empresas fomentadas pelas incubadoras, possam ocupar eventuais prédios abandonados/degradados no centro das cidades.

Uma das dificuldades dos territórios de baixa densidade demográfica é atrair e reter talentos. “Low-income cities tend to lose talent and youth to higher-income cities, generating a negative demographic dynamic” (European Union, 2016:81). Desta forma, investir na formação dos próprios recursos humanos e na melhoria da qualidade de vida nesses territórios, são duas das estratégias a serem adotadas. Destaca-se que a qualidade de

vida possui relação com o bem-estar geral de comunidades (Soleimani et al., 2014) e pode gerar efeitos multiplicadores sobre os ecossistemas de empreendedorismo e inovação, uma vez que reflete de forma direta e/ou indireta sobre todas as partes dos ecossistemas.

Um dos pressupostos está relacionado com a hospitalidade, que de acordo com Mauss (2003), fundamenta-se na concepção da dádiva e se baseia no tripé: dar/receber/retribuir e, para Montandon (2011), é um modo de viver em sociedade. A hospitalidade está relacionada com o bem receber e com o acolher o que vem de fora.

Neste âmbito, a hospitalidade deve ser uma máxima a ser fomentada em todas as comunidades locais inseridas em municípios em que estão sendo formados os ecossistemas de empreendedorismo e inovação. Apesar de possuir efeitos positivos subjetivos e de difícil mensuração, a hospitalidade poder agregar valor aos referidos ecossistemas.

Outro pressuposto está associado a importância de fortalecer a identidade cultural local, assim como de incrementar a diferenciação de produtos e serviços. Para este fim, seria fundamental implantar programas de fomento à valorização e aos usos de recursos endógenos. Somado a isso, seria relevante a implementar a especialização inteligente, que tem como um dos seus pilares em Portugal “valorizar os recursos endógenos diferenciadores” (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, 2014:6). Para a União Europeia a especialização inteligente “... foca-se em identificar as características e os ativos singulares de cada país e região, destacando as vantagens competitivas de cada região e atraindo partes interessadas e recursos regionais para uma visão orientada para a excelência do seu futuro” (Comissão Europeia, 2014:8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo corrobora em análises sobre ecossistemas de empreendedorismo e inovação em territórios de baixa densidade demográfica, que é uma temática ainda incipiente em pesquisas, conforme demonstrado no referencial teórico. A criação de ambiente propício com poder de atrair novas empresas e de reter jovens, por meio do estímulo ao empreendedorismo e a inovação, são algumas premissas seguidas na criação de ecossistemas em zonas com desequilíbrios demográficos. Somadas a essas premissas, defende-se que há a necessidade ainda de investir em: (i) processos sustentáveis com base no tripé: ambiental, sociocultural e econômico; (ii) promoção da qualidade de vida, a partir dos projetos, com transbordamentos para os territórios em que se inserem; (iii) projetos empreendedores, a partir do suporte à sua criação e implementação; (iv) realização de trabalhos colaborativos com a formação e/ou fortalecimento de rede de *stakeholders*, assim como a construção de redes de conhecimento para estímulo a inovação (Burgos & Bocco, 2020, Etzkowitz & Zhou, 2017) e (v) incremento da economia compartilhada.

Se faz premente, para o desenvolvimento socioeconômico equitativo dos territórios de baixa densidade, transformá-los em espaços competitivos e coesos (socialmente/territorialmente), mas sem perder o foco nas questões socioambientais. Neste âmbito, é importante atuar com base nos pilares da sustentabilidade e em prol do incremento de dinâmicas empresariais locais e regionais, qualificação de recursos humanos, suporte a inovação, melhorias a infraestruturas, incentivo a cooperação entre *stakeholders*, acrescido de estratégias de valorização de recursos endógenos.

A partir de análise empírica e com base nas entrevistas com os nove *stakeholders* envolvidos nos projetos Tagusvalley, Living Lab Beira da Cova e HIESE, observa-se que a rede de cooperação entre diversos atores sociais/entidades foi um dos elementos primordiais que possibilitou a criação e implementação desses projetos, mas que nos casos em análise, o financiamento governamental foi essencial e, continua sendo, seja para sua manutenção ou até mesmo para construção/revitalização de prédios para abrigá-los. Percebe-se que houve em alguns projetos o investimento em qualidade de vida com foco nos funcionários de empresas, mas pontua-se que é essencial que os gestores contribuam para que a qualidade de vida seja uma das tônicas para as sociedades e cidades em que se inserem os projetos.

Devido à complexidade inerente aos ecossistemas, não há estratégias padronizadas para desenvolver ecossistemas de empreendedorismo e inovação (De Bernardi & Azucar, 2020), somada a diferentes realidades locais com suas especificidades. Apesar disso, identifica-se nos projetos em análise algumas estratégias adotadas com potencial de contribuir de maneira efetiva, no contexto de formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação em territórios de baixa densidade. Esses territórios, sofrem muitas vezes com problemáticas similares, entre estas, recursos escassos; baixos níveis de capital social, coesão social/territorial; baixo poder de atratividade e retenção de talentos/empresas. Neste âmbito, há uma série de estratégias que podem ser adotadas em processos

de criação dos referidos ecossistemas, conforme delineado por meio dos pressupostos estabelecidos no *framework* conceitual. Desta forma, são demandadas aos gestores públicos a criação e execução de políticas públicas, entre estas, programas de reabilitação urbana; políticas de qualificação e formação de recursos humanos; políticas de promoção de qualidade de vida; programas de fomento à cultura da hospitalidade, programas de incremento aos usos de recursos endógenos e programas de apoio ao empreendedorismo e à inovação.

Apesar da constatação apresentada na revisão de literatura sobre os estudos de caso indexados na *Web of Science* serem realizados, em sua maioria, em países europeus, e este ser mais um artigo que se enquadra nesta perspectiva, pondera-se que ainda há muito campo de pesquisa sobre as temáticas em análise a ser desenvolvido no continente Europeu, além de ser necessário a ampliação de estudos de caso em outras regiões do mundo.

Como limitações da investigação pontua-se que esta se ateve as percepções dos *stakeholders* envolvidos com os projetos implementados, as quais poderiam ser enriquecidas e contrastadas com entrevistas e/ou inquéritos a comunidade local. Além disso, analisou-se três casos pontuais dentro de uma mesma região do país em estudo. No entanto, representa esforço inicial de compreensão dos processos de formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação, assim como de sistematização de estratégias adotadas que culminaram na proposição de *framework* conceitual, o que representa um avanço em relação a outros estudos.

Como recomendações de estudos futuros sugere-se a ampliação da amostra para outras regiões de Portugal, assim como a realização de análises comparativas entre países. Além disso, outro campo de investigações seria voltado para a sistematização de outras estratégias utilizadas em processos de formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação, assim como aprofundamento das identificadas.

Por fim, destaca-se o potencial do presente estudo na orientação de políticas públicas em territórios de baixa densidade demográfica, com foco na formação de ecossistemas de empreendedorismo e inovação. Corrobora-se com a linha de investigadores que defende a criação de *mix* de políticas públicas, entre estes, Ossenbrink et al. (2016) e Kivimaa & Kern (2016), em que o grande desafio é delinear ferramentas e estratégias apropriadas, considerando a complexidade e as especificidades dos territórios, além de defender a atuação pública, a partir de perspectiva política integrada. Neste sentido, as estratégias defendidas no presente artigo podem vir a contribuir para a otimização de ecossistemas de empreendedorismo e inovação, em áreas de baixa densidade, e gerar efeitos multiplicadores, em âmbito territorial.

REFERÊNCIAS

- ACS, Z. J., AUTIO, E., SZERB, L. National systems of entrepreneurship: Measurement issues and policy implications. *Research Policy*, 2014, 43(3), 449–476.
- ADNER, R. Sob a lupa da inovação: uma abordagem sistêmica inovadora para gerar valor e criar negócios duradouros. São Paulo: Elsevier, 2012.
- ADNER, R. Ecosystem as Structure: An Actionable Construct for Strategy. *Journal of Management*, 2017, 43: 39-58.
- ALVEDALEN, J., BOSCHMA, R. A critical review of entrepreneurial ecosystems research: towards a future research agenda, *European Planning Studies*, 2017, 25:6, 887-903.

ANDERSON, G. M., TOLLISON, R.D. Adam Smith's Analysis of Joint-Stock Companies. *Journal of Political Economy*, 1982, 90 (6), 1237-1256.

AUDRETSCH, D., BELITSKI, M. Entrepreneurial ecosystems in cities: establishing the framework conditions. *The Journal of Technology Transfer*, Springer, 2017, vol. 42(5), 1030-1051.

AUTIO, E., THOMAS, E. Innovation ecosystems: Implications for innovation management? In: Dodgson, M., Gann, D., Philips, N. (ed.) *The Oxford Handbook of Innovation Management*, pp. 204-228, Oxford University Press: Oxford, UK, 2014.

AUTIO, E., KENNEY, M., MUSTAR, P., SIEGEL, D., WRIGHT, M. Entrepreneurial innovation: The importance of context. *Research Policy*, 2014, 43(7), 1097-1108.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMOL, W. J. Entrepreneurship: productive, unproductive and destructive. *Journal of Political Economy*, 1990, 98 (5): 893-921.

BESSANT, J., TIDD, J. *Inovação e Empreendedorismo: Administração*. São Paulo: Bookman, 2009.

BHARADWAJ, S. G., VARADARAJAN, P. R., & FAHY, J. Sustainable competitive advantage in service industries: a conceptual model and research propositions. *Journal of Marketing*, 1993, 57(4), 83-99.

BRAVO, M., RESENDE, D. University technology enterprise network in Portugal: A bottom-up approach to improve regional innovation ecosystems. In: Trzmielak, D., Gibson, D. (eds.) *International cases on innovation, knowledge and technology transfer*. Lodz: Center for Technology Transfer, 2014.

BROWN, R. Mission impossible? Entrepreneurial universities and peripheral regional innovation systems, *Industry and Innovation*, 2016, 23:2, 189-205,

BROWN, R., GREGSON, G., MASON, C. A Post-Mortem of Regional Innovation Policy Failure: Scotland's Intermediate Technology Initiative (ITI), *Regional Studies*, 2016, 50:7, 1260-1272,

BURGOS, A. L., BOCCO, G. Contribuciones a una teoría de la innovación rural. *Cuadernos de Economía*, 2020, 39 (79), 219-247.

BUDD, L., HIRMIS, A. Conceptual framework for regional competitiveness, *Regional Studies*, 2004, Vol.38, n°9, 1015-1028.

CALZADA I. Local entrepreneurship through a multistakeholders' tourism living lab in the post-violence/peripheral era in the Basque Country. *Regional Science Policy & Practice*, 2018, 11:451-466.
<https://doi.org/10.1111/rsp3.12130>

CAMAGNI, R. The rationale territorial cohesion: Issues and possible policy strategies. In: Pedrazzini, L. *The process of territorial cohesion in Europe*. Italy: Francoangelie, DIAT, 2006.

CHARLES, D. Universities as key knowledge infrastructures in regional innovation systems. *Innovation: the European Journal of Social Science Research*, 2006, 19(1), 117-130.

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO NORTE. Estratégia Regional de Especialização Inteligente. CCDRN. 2014, Disponível em:
https://www.portugal2020.pt/sites/default/files/enei_versao_final_0.pdf Acesso em 05/02/2020

COMISSÃO INTERMINISTERIAL DE COORDENAÇÃO (2015). Deliberação da CIC Portugal 2020. Alteração da Deliberação relativa à classificação de territórios de baixa densidade para a aplicação de medidas de diferenciação positiva dos territórios. Disponível em:
https://poseur.portugal2020.pt/media/37819/delibera%C3%A7%C3%A3o_cic_pt2020_01072015_territorios_baixa_densidade.pdf Acesso em 28/11/2019.

COMISSÃO EUROPEIA (2014). Estratégias de inovação regionais/nacionais para a especialização inteligente (RIS3) política de coesão 2014-2020. Disponível em
https://ec.europa.eu/regional_policy/sources/docgener/informat/2014/smart_specialisation_pt.pdf Acesso em 09/02/2020.

CONSELHO DA EUROPA (2011). Glossário do Desenvolvimento Territorial. Conferência Europeia dos Ministros Responsáveis pelo Ordenamento do Território do Conselho da Europa (CEMAT). Lisboa: DGOTDU.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA (2006). Regulamento CE Nº 1083/2006. Disposições gerais sobre o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, o Fundo Social Europeu e o Fundo de Coesão, e que revoga o Regulamento CE nº 1260/1999.

COOKE, P. (2001). Regional innovation systems, clusters, and the knowledge economy. *Industrial and Corporate Change*, 10, 945-974.

CREDIT, K., Mack, E.A., Mayer, H. (2018) State of the field: Data and metrics for geographic analyses of entrepreneurial ecosystems. *Geography Compass*, 12:e12380. <https://doi.org/10.1111/gec3.12380>

DAHL, R. A. (1997). *Poliarquia: Participação e oposição*. São Paulo: USP.

DE BERNARDI, P., AZUCAR, D. (2020). Innovation for future proofing the food ecosystem: Emerging approaches doi:10.1007/978-3-030-33502-1_4

DECRETO-LEI Nº 307 (2009). Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional Diário da República, 1.ª série, N.º 206 de 23 de outubro de 2009. Disponível em:
<https://dre.pt/application/conteudo/483155> Acesso em 05/02/2020.

DEL RIO, V. (1993). Revitalização de centros urbanos o novo paradigma de desenvolvimento e seu modelo urbanístico. Pós. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, (4), 53-64. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i4p53-64>

DIREÇÃO GERAL DO TERRITÓRIO (2018). Carta Administrativa Oficial de Portugal. Disponível em
http://www.dgterritorio.pt/cartografia_e_geodesia/cartografia/carta_administrativa_oficial_de_portugal_caop/ Acesso em 05/02/2020.

DRUCKER, P.F. (1993). *Post-Capitalist Society*. New York: HarperCollins.

- DURKHEIM, E. (1999) Da divisão do trabalho social. Trad. de Carlos Brandão, 2ª ed.: São Paulo: Martins Fontes.
- EDQUIST, C. (1999): Innovation Policy - A systemic Approach, Paper presented at the European Socio-Economic Research Conference, Brussels, 28-30 April 1999. Session A: The Globalising Learning Economy.
- ETZKOWITZ, H., ZHOU, C. Hélice tríplice: Inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. Estudos Avançados, 2017, 31 (90).
- EUROPEAN UNION. The State of European Cities 2016: Cities leading the way to a better future. 2016, Available in <http://ec.europa.eu/cities-report> Accessed 31/01/2020.
- FAGERBERG, J.; KNELL, M.; SRHOLEC, M. The competitiveness of nations: economic growth in the ECE regions, Geneva: UNECE Spring Seminar Competitiveness and Economic Growth in the ECE Regions, 2004.
- FELDMANN, M. The locational dynamics of the US biotech industry: knowledge externalities and the anchor hypothesis. Ind Innov, 2003, 10(3), pp. 311-328.
- FERRÃO, J. AND JENSEN-BUTLER, C. Existem “regiões periféricas” em Portugal? *Análise Social* v. XXIV (100), 1988, 1º, pp. 355-371.
- FERRÃO, J. Relatório do Grupo de Trabalho Temático: "Territórios Vulneráveis". In: Governação integrada: a experiência internacional e desafios para Portugal. Atas da conferência internacional, 15 e 16 de outubro de 2015. Lisboa: Fórum para a Governação Integrada, 2016.
- FIORENTINO, S. Different typologies of ‘co-working spaces’ and the contemporary dynamics of local economic development in Rome, *European Planning Studies*, 2019, 27:9, 1768-1790,
- FÓRUM DAS CIDADES. ABCidades. 2019, Disponível em <http://www.forumdascidades.pt/content/regioes-perifericas> Acesso em 28/11/2019.
- GANSKY, L. The mesh: Why the future of business is sharing. Penguin, New York, 2010.
- GARELLI, S. Competitiveness of nations: the fundamentals. 2006, Disponível em <http://www.compilerpress.ca/Competitiveness/Anno/Anno%20Garelli%20CN%20Fundamentals.htm> Acesso em 17/12/2019
- GEDI. Global Entrepreneurship INDEX Acs, Z., Szerb, L., Lloyd, A. (org.) Washington, D.C., USA, 2018. Disponível em https://thegedi.org/wp-content/uploads/dlm_uploads/2017/11/GEI-2018-1.pdf Acesso em 19/01/2020.
- GOMES, L., FACIN, A., SALERNO, M., IKENAMI, R. Unpacking the innovation ecosystem construct: evolution, gaps and trends. *Technol. Forecast. Soc. Chang.* 2018, 136, 30–48. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2016.11.009>.
- GRANSTRAND, O., HOLGERSSON, M. Innovation ecosystems: A conceptual review and a new definition. *Technovation*, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2019.102098>
- HALL, W. K. Survival strategies in a hostile environment. *Harvard Business Review*, 1980, 58, 75-85.

HISRICH, R. D., PETER, M. P. Empreendedorismo. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HUNTJENS, P.; PAHL-WOSTL, C.; GRIN, J. Climate change adaptation in European river basins. *Reg. Environ. Chang.*, 10, pp. 263-284.

ISENBERG, D. (2010). How to Start an Entrepreneurial Revolution. *Harvard Business Review*. 2010, June, 41-51.

JAÉN, I., MORIANO, J.A. AND LIÑÁN, F. "Personal values and entrepreneurial intentions: An empirical study" In: Fayolle, A., Kyrö, P., Mets, T. and Venesaar, U. (Ed.), *Conceptual richness and methodological diversity in entrepreneurship research*, Edward Elgar, Cheltenham, 2013, pp.15-31.

KIVIMAA, P., KERN, F. (2016). Creative destruction or mere niche creation? Innovation policy mixes for sustainability transitions. *Research Policy* 45, 205-217. <http://dx.doi.org/10.1016/j.respol.2015.09.008>.

KOTSEMIR, M., ABROSKIN, A., & MEISSNER, D. *Innovation and Typology - An Evolutionary Discussion*. Basic Research Program at the National Research University Higher School of Economics, 2013. Disponível em https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2221299 Acesso em 10/12/2019.

LUNDEVALL, B. *National Systems of Innovation: Towards a theory of innovation and interactive learning*. London: Pinter Publishers, 1992.

MAROUFKHANI, P., WAGNER, R., ISMAIL, W. Entrepreneurial ecosystems: a systematic review, *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, 2018, Vol. 12 Issue: 4, pp.545-564, <https://doi.org/10.1108/JEC-03-2017-0025>

MARTINS, N., FIGUEIREDO, C. *Programas de Valorização Económica de Recursos Endógenos, Das ideias à acção: visão e parcerias*. Departamento de Prospectiva, Planeamento e Relações Internacionais, 2008. Disponível em http://www.ccdrc.pt/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3937-provere-programas-de-valorizacao-economica-de-recursos-endogenos&category_slug=estudosregionais&Itemid=739 Acesso em 22/12/2019

MARTINEZ-FERNANDEZ, C., POTTS, T. Innovation at the edges of the metropolis: An analysis of innovation drivers in Sydney's peripheral suburbs, *Housing Policy Debate*, 2008, 19:3, 553-572.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia: o ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MONTANDON, A. *O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: SENAC, 2011.

NIETH, L., BENNEWORTH, P., CHARLES, D., FONSECA, L., RODRIGUES, C., SALOMAA, M., STIENSTRA, M. Embedding entrepreneurial regional innovation ecosystems: reflecting on the role of effectual entrepreneurial discovery processes, *European Planning Studies*, 2018, 26:11, 2147-2166.

NORDBERG, K. Enabling Regional Growth in Peripheral Non-University Regions -The Impact of a Quadruple Helix Intermediate Organisation. *Journal of the Knowledge Economy*, 2015, v. 6, pp. 334-356.

OECD. *Rethinking Urban Sprawl: Moving Towards Sustainable Cities*, Paris: OECD Publishing, 2018.

OSSENBRINK, J., FINNSSON, S., BENING, C.R., HOFFMANN, V.H. Delineating policy mixes: Contrasting top-down and bottom-up approaches to the case of energy-storage policy in California. *Research Policy*, 2019, 48 (10), 103582.

PORDATA. Base de dados Portugal contemporâneo. 2019. Disponível em <https://www.pordata.pt/Municipios/%C3%8Dndice+de+envelhecimento-458> Acesso em 21/12/2019.

PORTER, M. E. (1999). *Competição: estratégias competitivas essenciais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PORTER, M. E. *A vantagem competitiva das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PFOTENHAUER, S., JASANOFF, S. (2017) Panacea or diagnosis? Imaginaries of innovation and the ‘MIT model’ in three political cultures. *Social Studies of Science*, 2017, vol. 47(6) 783-810

PUTNAM, R. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna*. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RAMOS, L. Territórios de baixa densidade, territórios de elevado potencial. Relatório Final, Dossiers políticos PSD, 2014. Disponível em: <http://autarcas-psd.pt/tools/download.php?doc=235> Acesso em 21/12/2019

RATTEN, V., JONES, P. Transformational entrepreneurship: an overview. In: Ratten, V., Jones, P. (Eds), *Transformational Entrepreneurship*, Routledge, London, 2018, pp. 1-17.

RIERC. Home page: Rede de Incubadoras de Empresas da Região Centro, 2019. Disponível em: <https://rierc.pt/home> Acesso em 09/12/2019.

ROSTOW, W. *The stages of economic growth: A non-communist manifesto*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SCHAEFFER, P., FISCHER, B., QUEIROZ, S. Beyond Education: The Role of Research Universities in Innovation Ecosystems. *Foresight and STI Governance*, vol. 12, no 2, 2018, pp. 50-61.

SCHOAR, A. The divide between subsistence and transformational entrepreneurship, *Innovation Policy and the Economy*, Vol. 10 No. 1, 2010, pp. 57-81.

SCHUMPETER, J. *The Theory of economic development: An inquiry into profits, capital, credit, interest, and business cycle*. Cambridge: Harvard University Press, 1934.

SOLEIMANI, M., TAVALLAEI, S., MANSUORIAN, H., BARATI, Z. The assessment of quality of life in transitional neighbourhoods. *Social Indicators Research*, 2014, 119: 1589-1602.

SPIGEL, B. The relational organization of entrepreneurial ecosystems. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 2017, 41(1), 49-72.

SPIGEL, B. Envisioning a new research agenda for entrepreneurial ecosystems: top-down and bottom-up approaches. *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth*, Volume 20, 2019, 127-147.

UNITED NATIONS. *World population prospects 2019: Highlights*. New York: United Nations, 2019.

TAGUSVALLEY. Home page: Parque Tecnológico do Vale do Tejo – Tagusvalley. 2019, Disponível em <http://tagusvalley.pt/index.php> Acesso em 09/12/2019

TIDD, J., BESSANT, J., PAVITT, K. Gestão da Inovação – Integração das mudanças tecnológicas, de mercado e organizacionais. 1ª ed., Portugal: Monitor, 2003.

VILELLA, C.S.S. Inovação organizacional: Uma proposta de método para a inovação sistemática. Tese de doutorado. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

XU, Z., DOBSON, S. Challenges of building entrepreneurial ecosystems in peripheral places. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 2019, 8 (3). pp. 408-430.

WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT (1987). *Our Common Future*. 1987, Available in <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf> Accessed 30/01/2020

YAMAMURA, S., LASSALLE, P. (2019): Proximities and the emergence of regional industry: evidence of the liability of smallness in Malta, *European Planning Studies*, 2019.

ZARPELLON, S. O empreendedorismo e a teoria econômica institucional. *Revista Iberoamericana de Ciências Empresariais y Economía*, 2010, v. 1, n. 1, p. 47-55.